

# AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DO TWITTER NA DISPUTA DE NARRATIVAS SOBRE MULHERES NEGRAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O RACISMO COMETIDO CONTRA THELMA ASSIS

Janiele Santos Bispo <sup>1</sup>

Jéssica Carolaine Barros dos Santos <sup>2</sup>

## RESUMO

Ao analisar o cenário atual das redes sociais, é perceptível a presença de violência e discursos de ódio contra mulheres negras. Por esse motivo, realizou-se um estudo de caso a fim de compreender as utilidades, intervenções e limites do Twitter como tecnologia que visibiliza narrativas raciais sobre mulheres negras, a partir dos tweets postados contra e a favor de Thelma Assis, campeã do Big Brother Brasil-2020. Foi buscado, através das ferramentas de filtragem do twitter, enunciações de cunho racial, com o objetivo de análise da quantidade de discursos de ódio e de apoio realizados, e como o twitter lida e pune essas atitudes. Sob essa perspectiva, foram coletados mais discursos de ódio que positivos, mas a ferramenta analisada possibilita também discursos favoráveis ao empoderamento negro e vem buscando melhorias através da inteligência artificial para combater o discurso de ódio online que ainda é encontrado com frequência.

**Palavras-chave:** Discurso de Ódio, Mulher Negra, Twitter.

## INTRODUÇÃO

A desigualdade racial no Brasil ainda é muito presente, mesmo depois de tantos anos da Lei Áurea de 1888 que aboliu a escravidão. Quando os escravos foram libertos, nenhuma política de inserção foi criada pela sociedade, muito pelo contrário, os senhores de engenho faziam o possível para dificultar a sobrevivência dos ex-escravos. Muitos deles eram obrigados a continuar trabalhando para seus senhores ou trabalhar informalmente como amas de leite, carregadores, criados e até mesmo como “tigres” que despejavam as fezes e urina da população.

É possível identificar resquícios escravocratas observando o lugar que a sociedade impõe os negros, as funções que eles exercem em grandes empresas, seus papéis como

---

<sup>1</sup>Graduanda do curso Técnico em Informática do Instituto Federal-BA, janielesantosbispo@gmail.com;

<sup>2</sup>Graduanda do curso Técnico em Informática do Instituto Federal-BA, barroscarolainejessica@gmail.com;

atores nas televisões, quantidade de negros em universidades, com a hiperssexualização do corpo negro feminino e masculino e o quanto as mulheres negras sofrem discurso de ódio nas redes sociais.

Abordamos o discurso de ódio racial no Twitter, uma vez que é o espaço virtual em que se observa a guerra de narrativas contra e a favor da mulher negra com mais frequência. Foi realizado um estudo de caso que teve como objetivo geral analisar como o twitter visibiliza narrativas raciais sobre mulheres negras, e como objetivos específicos identificar e relacionar expressões e palavras com conteúdo de cunho racial contra e a favor de Thelma Assis, campeã do Big Brother Brasil 2020, nos tweets coletados em datas específicas as quais tiveram algum acontecimento no reality que terminou em discussões raciais.

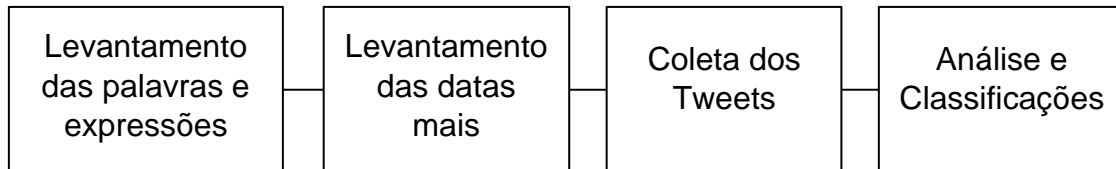
A partir do momento em que mulheres negras adquirem maior escolaridade, se qualificam, começam a exercer profissões de maior prestígio social e ascendem socialmente, é inadmissível que continuemos a conviver com a produção de discursos que continuam associando diretamente as mulheres negras com sexo, animais e subserviência. Como mulheres negras, as autoras dessa obra percebem e recebem ataques físicos e verbais a todo momento, reconhecendo que as redes sociais e as mídias, de uma forma geral, tanto ajudam a desconstruir imagens de inferiorização, quanto disseminam ódio racial e misoginia. Nesse sentido, para alcançar os objetivos e responder às questões propostas nesse estudo de caso, realizou-se a coleta e análise de narrativas sobre mulheres negras nos tweets postados contra e a favor de Thelma Assis, campeã do Big Brother Brasil-2020.

## **METODOLOGIA**

Essa pesquisa é do tipo exploratória e de abordagem qualitativa, que busca compreender o contexto dos discursos de ódio no ciberespaço e entender o comportamento dos usuários e da plataforma diante dessa situação. Assim, o estudo de caso foi realizado por meio da análise de tweets postados contra e a favor de Thelma Assis, campeã da 20ª edição do programa Big Brother Brasil, durante o período de exibição do programa.

O Twitter foi a rede social escolhida devido algumas funcionalidades que facilitam a coleta de dados. A análise dos dados foi realizada por meio da identificação

das expressões e palavras consideradas racistas e das palavras consideradas favoráveis ao empoderamento da mulher negra, encontradas nos tweets, bem como, forma estabelecidas relações entre as palavras e expressões racistas e de empoderamento aos conceitos teóricos da epistemologia feminista negra.



**Figura 01: Etapas realizadas neste trabalho**

A Figura 01 destaca as etapas realizadas neste trabalho. São elas:

1. Levantamento de palavras e expressões: foi realizada uma busca inicial de exemplos de tweets para identificar as possíveis palavras a serem utilizadas como parâmetro. Os tweets selecionados foram as expressões mais impactantes com maiores números de repercussão e engajamento. As principais palavras, com sentido negativo, encontradas foram: “macaca”, “feia”, “chaveiro”, “planta” e “burra”. E as principais palavras, com sentido positivo, encontradas foram: “respeito”, “negra”, “topo”, “rainha”, “batalhadora”, “brilhar”, “guerreira”.
2. Levantamento de datas mais relevantes: foram selecionadas datas chaves que coincidiam com situações que marcaram a trajetória de Thelma Assis dentro e fora do programa. Essas datas geraram maior quantidade de tweets, curtidas, alcance e engajamentos das pessoas na rede social. Alguns exemplos são:
  - 12/04/2020 a 14/04/2020 - Thelma vota em Babu Santana para o paredão.
  - 23/04/2020 a 25/04/2020 - Perfil de Babu Santana chamou Thelma Assis de mucama no Twitter.
  - 27/04/2020 a 29/04/2020 -Thelma é campeã da edição.
3. Coleta dos Tweets: fazendo uso da ferramenta de “Busca Avançada no Twitter” foram coletados tweets que atendiam aos parâmetros definidos nas etapas anteriores. Foram coletados 50 (cinquenta) comentários

positivos e 91 (noventa e um) comentários negativos.

Análise e classificação dos tweets: com base na literatura de autoras feministas negras, definiu-se categorias teóricas para proceder a classificação dos tweets. As categorias positivas definidas foram: empoderamento (Djamila Ribeiro, 2018), autoamor (Bell Hooks, 2005), autorrealização (Bell Hooks, 2005), e autodefinição (Bell Hooks, 2005). As categorias negativas: condescendência (Djamila Ribeiro, 2018), incapacidade intelectual (Gonzales, 1984) e (Djalma Ribeiro, 2019), servidão (Grada Kilomba, 2008) e (Gonzales, 1984), inferiorização estética (Djalma Ribeiro, 2019) e (Bell Hooks, 2005), animalização (Gonzales, 1984) e (Grada Kilomba) e escravização (Grada Kilomba, 2008) e (Gonzales, 1984). Depois dessa definição, foi realizada a classificação dos tweets coletados seguindo essas categorias.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Djamila Ribeiro (2018), filósofa brasileira e feminista negra, caracteriza o racismo como um sistema de opressão que visa negar direitos a determinados grupos sociais e que cria uma ideologia de opressão que resulta em mortes, inferiorizações e uma série de obstáculos à vida das pessoas que integram esse grupo racial: "O racismo vai além das ofensas, é um sistema que nos nega direito" (Ribeiro, p.6, 2018). É possível estabelecer um forte elo de ligação entre as ideias de Djamila Ribeiro, Lélia González e Para González (1984), o racismo impõe às mulheres negras posições sociais estereotipadas e situações inumanas, privando-as dos seus direitos fundamentais e submetendo-as a diversas formas de violência.

A mulher negra sofre racismo interseccional, muitas vezes de forma velada, no entanto, quando tem prestígio social e/ou ganha visibilidade na mídia isso é motivo para que os discursos odiosos, racistas, machistas e misóginos apareçam de forma escancarada nas redes sociais.

De acordo com a pesquisa de Trindade (2016), as mulheres negras com ensino superior completo e com faixa etária de 20 a 35 anos são as que mais sofrem discursos odiosos nas redes sociais, somando 81% do total de vítimas.

“A partir do momento em que essas mulheres negras ascendem socialmente, adquirem maior escolaridade, elas se engajam em profissões de maior

visibilidade e maior qualificação. Isso entra em choque com aquele modelo que diz que a mulher negra tem que estar associada ou engajada em atividades subservientes e de baixa qualificação” (Trindade, 2016).

Como as mulheres negras são vistas sempre como “as serviçais”, Ribeiro (2018) aponta justamente essa questão do incômodo que a sociedade racista e misógina apresenta quando as mulheres negras chegam ao poder.

Eu já havia percebido que uma mulher negra empoderada incomoda muita gente — basta perceber os olhares e os comentários de algumas pessoas quando veem uma que não se curva às exigências de uma sociedade racista e misógina. (RIBEIRO, 2018, p.38).

O discurso de ódio online contra as mulheres negras nas mídias sociais está atrelado ao racismo, uma vez, que para Brugger (2007) o discurso de ódio é o conjunto de “palavras que tendam a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar a violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas” (BRUGGER, 2007, p. 118 ). Nesse contexto, pesquisas e estudos evidenciam que sites de redes sociais (SRS) como o Facebook, Twitter e Instagram desempenham um papel instrumental na propagação do ódio e na tradução do discurso em ação ( Silva L. 2018). A internet além de ser relativamente barata e acessível, fornece recursos inéditos para a propagação do ódio online, como por exemplo a fácil disseminação de conteúdos. O conteúdo odioso externalizado nesses espaços pode assustar, intimidar ou silenciar usuários da plataforma, e alguns deles podem inspirar outros usuários a cometerem violência (SALLEM, DILLON, BENESCH e RUTHS, 2016 apud Silva L. et al., 2018).

Para tentar minimizar o conteúdo odioso das mídias sociais foi proposto um guia com 10 passos chamado *Best Practices for Challenging Cyberhate* (BPCC), em português Melhores Práticas para Desafiar o *Cyberhate*, definidas a partir de uma reunião da Força-Tarefa Inter-Parlamentar na Universidade de Stanford (CITRON, p. 476 2014, apud Silva et al., 2019). Nessa perspectiva, SRS como Facebook, Twitter e Youtube publicaram em seus sites políticas de discurso de ódio online e criaram procedimentos para “educar” algoritmos, que com o tempo repetem as respostas automaticamente, por meio de recursos avançados de identificação de imagens ou textos ofensivos. (Silva L. et al., 2019)

Novamente o site UOL, em Outubro de 2020, publicou que o Twitter foi acusado de racismo após a ferramenta priorizar pessoas brancas nos cortes de fotos, independente da quantidade de rostos, o algoritmo sempre irá priorizar pessoas brancas. A origem da falha estaria no algoritmo do microblog, responsável por reconhecer e dar preferência para o destaque da imagem que aparece no feed.

Segundo a pesquisa realizada pela Anistia Internacional e pela startup Element AI, que trabalha com inteligência artificial, uma mulher é agredida a cada 30 segundos no Twitter. No estudo, chamado Troll Patrol (patrula de troll, em tradução livre), as empresas analisaram dados de 288 mil tweets enviados a 778 políticas e jornalistas mulheres nos Estados Unidos e no Reino Unido em 2017. A pesquisa ainda mostra que a probabilidade de mulheres negras serem mencionadas em tweets abusivos ou problemáticos é 84% maior. A cada dez tweets mencionando mulheres negras, pelo menos um é problemático, enquanto para mulheres brancas a porcentagem é de um a cada 15.

Para combater o crescimento do discurso de ódio, o Twitter publicou novos termos de segurança em dezembro de 2020: "Hoje, estamos expandindo ainda mais nossa política contra propagação de ódio, incluindo linguagem que desumaniza as pessoas com base em raça, etnia ou origem." (TWITTER, 2020). O documento chamado "Imposição de nossas regras", por exemplo, pauta o que é considerado ofensivo e, a partir disso, também é citado que eles reconhecem que alguns grupos são suscetíveis ao crime do discurso de ódio, entre esses estão as pessoas negras e as mulheres. A plataforma ainda oferece aos usuários a opção de denúncia de tweet e/ou conta, em que deve-se justificar o motivo e afirmar dentre as categorias possíveis a que está o discurso de ódio e, após a escolha do denunciante, a plataforma sugere que além de escolher até 5 tweets odiosos do mesmo usuário o denunciante pode bloquear ou silenciar o perfil do denunciado.

O Twitter se responsabiliza por analisar se o conteúdo está infringindo as regras da rede social e tomar as providências de remoção da visibilidade do tweet na linha do tempo e nos resultados das buscas até a suspensão da conta. O usuário denunciado recebe um e-mail com o tweet e qual regra foi violada, ele pode recorrer se acreditar que não infringiu nenhuma regra da plataforma e a partir disto é realizada outra análise e se for definido que a punição é válida, o usuário recebe outro email contendo mais detalhes de

qual regra foi violada e se a punição não for validada ela é retirada. Dentre as penalidades, o perfil do infrator pode sofrer uma queda no engajamento e isso influencia diretamente na disseminação do conteúdo odioso.

Levando-se em consideração referenciais teóricos, Nascimento, Oliveira e Soares (2017) analisam a relação entre liberdade de expressão e discurso de ódio no ciberespaço, utilizando como base o caso de racismo virtual cometido contra a atriz Taís Araújo. Após ter postado uma foto em seu perfil, na rede social Facebook, as(os) usuárias(os) realizaram diversos comentários racistas e ofensivos contra a atriz, como por exemplo “cabelo de Bombril” e “Gorila”<sup>3</sup> e, em apoio à Taís Araújo, surgiu uma campanha no Twitter com a hashtag #SomosTodosTaísAraújo. O(as) autor(as) realizaram uma análise dos comentários, identificaram que ocorreu o crime de injúria racial e concluíram que, embora o ciberespaço possibilite a liberdade de expressão, as pessoas se utilizam dessa liberdade para disseminar discursos de ódio.

Silva et al (2019) tiveram como objetivo realizar uma comparação de como as redes sociais, em especial Facebook, Twitter e Youtube lidaram com os discursos de ódio, no período (2015-2018), analisando suas políticas de privacidade. As três redes sociais estão aumentando a rigidez na remoção dos conteúdos e suspensão das contas de quem realiza discursos de ódio, exercendo o poder de controlar, bloquear, filtrar e remover qualquer conteúdo agressivo que viole seus termos. Em seus resultados, os autores identificam que o Facebook foi a rede social que mais investiu em estratégias de combate à intolerância online. Contudo, as três empresas se esforçam trabalhando de forma intensa para retirar os discursos de ódio de suas plataformas, melhorando suas políticas de privacidade e investindo em inteligência artificial.

Em suma, foram coletados discursos de ódio contra Thelma Assis, na rede social escolhida, o Twitter, buscando identificar quais os tipos de discursos que mais aparecem, quais as suas classificações e como o Twitter lida com isso.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

<sup>3</sup>GLOBO.COM. Taís Araújo é vítima de racismo na web e garante: “Não vou me intimidar”. Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/11/tais-araujo-e-vitima-de-racismo-na-web-e-garante-nao-vou-me-intimidar.html> Acessado em 09/01/2021.

### Categorização dos tweets

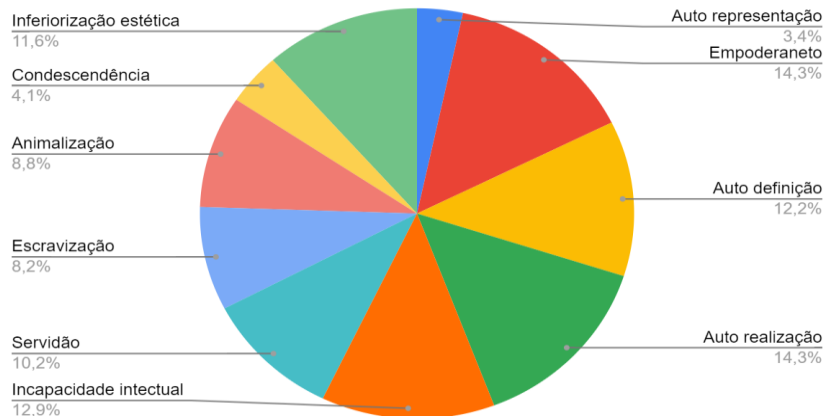


Figura 02: Categorização dos tweets. Fonte: As autoras, 2021.

No total foram coletados 141(cento e quarenta e um) tweets, sendo 50 (cinquenta) positivos e 91(noventa e um) negativos. No gráfico 01 é possível observar que entre a categorização dos tweets positivando a figura de Thelma, o empoderamento e a auto realização foram os que tiveram maior número. Enquanto os comentários dos tweets negativos, as categorias de incapacidade intelectual e inferiorização estética, são os que mais se repetem. A seguir são apresentados alguns exemplos das categorias:

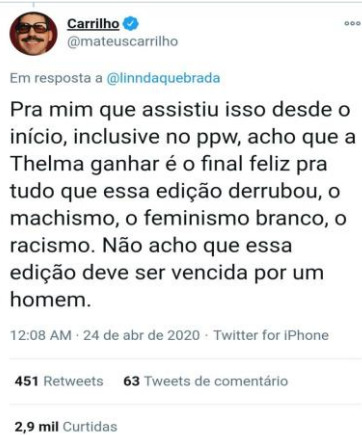


Figura 03 Fonte: Twitter, 2020



Figura 04 Fonte: Twitter, 2020

A Figuras 03 e a figura 04 representam a classificação de empoderamento e auto realização. O primeiro tweet propõe-nos uma reflexão do quanto uma mulher negra pode inspirar e influenciar crianças e adultos a "desnaturalizar" concepções racistas que



definem determinados lugares de prestígio como espaços reservados aos brancos que os lugares que eram considerados por uma sociedade racista e preconceituosa como espaços de brancos, Thelma uma mulher negra, forte, inteligente, médica somou muitíssimo no processo de *Empoderamento* de muitas mulheres colocando-as como sujeitas ativas da mudança (Ribeiro,2018) e promovendo através de sua participação no reality uma concepção de que é possível ultrapassar o racismo estrutural. Já o segundo tweet traz uma reflexão sobre a *auto realização*, uma vez que Thelma é bailarina, médica, passista e que fez história dentro e fora de um dos maiores realities do mundo, além de que, segundo o autor do tweet ela foi protagonista da “queda do feminismo branco, do racismo e machismo” e sendo uma das poucas mulheres negras campeãs em um reality da dimensão do *Big Brother Brasil* (BBB).



Figura 07 Fonte: Twitter, 2020



Figura 08 Fonte: Twitter, 2020

A Figura 07 e a Figura 08 representam a classificação de inferiorização estética e Incapacidade Intelectual. O primeiro comentário analisado, traz para reflexão a desvalorização estética do negro, especificamente da mulher negra. Esses discursos de ódio realizados contra Thelma Assís a coloca em uma posição de *inferiorização estética*, realizando conscientemente ou inconscientemente uma comparação com a beleza da mulher branca e desvalorizando a beleza da mulher negra. Podemos entender que esses discursos reproduzem atitudes historicamente sofridas pelas mulheres negras, de um

padrão estético branco considerado universal. Por meio de um julgamento que avalia seu corpo utilizando os critérios, bonito, branco, magro, cabelo liso e “bom”. Já o segundo comentário, nos coloca em uma posição de análise sobre a *incapacidade intelectual*. Mesmo com toda sua formação e dedicação, Thelma Assís foi chamada de “burra” por montar sua estratégia de jogo para ganhar o BBB 20 e “metida a besta” após se tornar líder dentro do reality.

Deve-se refletir como o racismo é tratado com naturalidade e como a maioria das pessoas não se consideram racistas. Em alguns dos comentários realizados contra Thelma Assis, os enunciadores têm ciência que estão sendo preconceituosos, realizando comentários do tipo “eu n comento pq td hj é racismo ”, disseminando em seguida seus discursos de ódio, se justificando e escondendo atrás da liberdade de expressão.

Sob essa perspectiva, ao analisar a luta constante das mulheres nesse contexto de opressão e discursos de ódio, deve-se visar “a educação formal deve pautar as questões de gênero, raça e sexualidade como questões curriculares” (SILVA, 2019). Ademais, a autora concluiu que os discursos de ódio encontrados nos comentários analisados não são manifestações de ódio isoladas, têm ampla repercussão social. Desse modo, é importante o sistema educacional oferecer uma intervenção para a criação de novas narrativas e discussões sobre as atuais e opressivas narrativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais possibilitam diferentes manifestações sobre as questões raciais, portanto, é possível notar discursos odiosos, mas também favoráveis às mulheres negras, visto que as narrativas de empoderamento estão ganhando força, principalmente nas redes sociais. Esse fenômeno pôde ser observado no Twitter, pessoas postam tweets com palavras e expressões racistas e, por conseguinte, outras pessoas manifestam-se contra e a favor.

Através da pesquisa realizada no Twitter, foi possível identificar os comentários absurdos realizados contra Thelma Assis, foram coletados mais tweets negativos do que comentários positivos. O Twitter vem buscando melhorias para combater o discurso de

ódio online, mas encontra grandes dificuldades em punir os usuários por conta da liberdade de expressão, e das leis que não favorecem as vítimas no ciberespaço.

A plataforma possibilita os discursos em prol da igualdade racial e do feminismo negro e está buscando melhorias através da programação de novos algoritmos para combater o discurso de ódio online, com a pesquisa foi possível observar que muitas pessoas manifestam-se a favor das causas anti racistas, contra o machismo e a misoginia também, isso foi possível indentificar após a coleta de tweets que postivam a imagem de Thelma mesmo que de forma inferior se consideramos a quantidade de tweets negativos, as pessoas vem levantado bandeiras anti racista e defendendo e querendo que mais mulheres negras ganhem visibilidade.

Apesar da Lei para punir crimes de discursos odiosos ter suas limitações no Brasil por conta da liberdade de expressão, a mudança de narrativas pode ser realizada não só nas redes sociais, mas também na base educacional de forma a tratar a repercussão do ódio contra mulheres negras na base que constrói a sociedade: a educação.

## REFERÊNCIAS

Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm). Acessado em 17/11/2020

BRUGGER, Winfried. **Proibição ou proteção do discurso do ódio?** Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. *Direito Público*, Porto Alegre, v. 4, n. 15, p. 117-136, jan-mar 2007

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.

HOOKS, bell. **Alisando o Nosso Cabelo.** *Revista Gazeta de Cuba*. jan-fev 2005. Tradução de Lia Maria dos Santos. Retirado do blog: [coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nosso-cabelo.html](http://coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nosso-cabelo.html).

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo.** *Políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio, 1º edição, ed. Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Indaiara. **O discurso de ódio contra mulheres em comentários on-line: Implicações para a educação das relações de gênero**, 2019

KILOMBA, Grada, 1968. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo no cotidiano; tradução Jess Oliveira. -1. ed.-Rio de Janeiro, 2019.

NASCIMENTO, I. OLIVEIRA, J. SOARES, R. **Discriminação racial e o discurso de ódio no ciberespaço: O caso Tais Araújo**. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/puca/article/viewFile/5555/47965000>. Acessado em 20/11/2020

RECUERO, R. **A conversação em rede: Comunicação Mediada Pelo Computador e Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro ?** Ed. schwarcz S.A São Paulo, 2018.

SILVA, Luiz Rogério. et al. **A Gestão do discurso de ódio nas plataformas de redes sociais digitais**, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/22025>. Acessado em 05/03/2021

SILVA, Luiz Rogério. **Discurso de ódio no facebook: a construção da incivildade e do desrespeito nas fan-pages dos deputados jair bolsonaro, marco feliciano e rogério peninha mendonça**, 2018. Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/54944/R%20-%20D%20-%20LUIZ%20ROGERIO%20LOPES%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>  
Acesso em 05/05/2021

TWITTER. **Imposição de nossa regras**. Disponível em: <https://about.twitter.com/pt/safety/enforcing-our-rules.html>. Acessado em 17/11/2020

TWITTER. **Expandindo nossas regras contra propagação de ódio**. Disponível em: [https://blog.twitter.com/pt\\_br/topics/company/2020/expandindo-nossas-regras-contr-propagacao-de-odio.html](https://blog.twitter.com/pt_br/topics/company/2020/expandindo-nossas-regras-contr-propagacao-de-odio.html). Acessado em 02/12/2020.